

## **A RESSURREIÇÃO NA LITURGIA E ESPIRITUALIDADE DOS ANTIGOS CARMELITAS \***

*A relação com a Festa de Nossa Senhora do Carmo e a Reforma de Touraine*

A Ordem do Carmo tem tradições litúrgicas muito antigas que no correr dos séculos ficaram quase completamente esquecidas.

Uma dessas tradições é a liturgia ressurreccional que surgiu quase no mesmo tempo em que os eremitas do Monte Carmelo receberam de Santo Alberto de Jerusalém a sua Regra. É uma tradição profundamente carmelitana que teve grande influência na espiritualidade dos antigos Carmelitas.

A liturgia surgiu na Igreja do Santo Sepulcro de Jerusalém e foi daí levada para a Europa onde se manteve, em todo o seu esplendor, até ao Concílio de Trento após o que restaram apenas alguns elementos de menor importância que depois do Concílio Vaticano II foram completamente extintos quando a Ordem decidiu abandonar a liturgia própria.

No entanto, a semente foi lançada e a liturgia ressurreccional deixou uma marca profunda naquilo que era o mais característico e o mais privativo da Ordem: a Regra (ou foi a Regra que inspirou os Carmelitas a optarem pela liturgia ressurreccional?), as festas de Nossa Senhora, principalmente a Comemoração Solene da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo ou seja a actual festa de Nossa Senhora do Carmo, a espiritualidade da reforma de Touraine.

Talvez uma digressão pelos monumentos históricos da liturgia Carmelita nos ajude a descobrir outros aspectos do caminho espiritual carmelitano.

### **O princípio**

Desde o princípio a liturgia dos Carmelitas estava ligada ao Rito (à Liturgia) da Igreja do Santo Sepulcro de Jerusalém. Durante séculos a liturgia dos Carmelitas era chamada, nos documentos oficiais da Ordem, o Rito dos Irmãos da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo de acordo com o rito da igreja do Santo Sepulcro

---

\* Artigo publicado no livro: "IN LABORE REQUIES", Edizioni Carmelitane, Roma 2007, pp. 387-413. Este livro foi organizado por Fernando Millán Romeral como "Homenaje da Región Ibérica Carmelita a los Padres Pablo Garrido y Balbino Velasco".

de Jerusalém. O nome já indica que havia um vínculo forte com o Santo Sepulcro de onde Jesus ressuscitou.<sup>1</sup>

### A Ressurreição no Rito do Santo Sepulcro

Existem em Jerusalém desde há muito tempo duas igrejas, edificadas em lugares santos, a Basílica dos Mártires perto do Gólgota e, em cima do túmulo de Jesus, a Igreja do Santo Sepulcro ou seja a Igreja da Ressurreição<sup>2</sup>. Os serviços litúrgicos nesta igreja eram conduzidos pelos Cónegos Regulares de Santo Agostinho que vieram de França juntamente com os cruzados<sup>3</sup>. O seu rito era originariamente romano misturado com elementos provenientes de alguns lugares da França (Tours, Nevers, Paris)<sup>4</sup>. É compreensível que a proximidade dos lugares santos, nomeadamente do Santo Sepulcro de onde Cristo ressuscitou, tenha exercido grande influência na sua liturgia. A influência das circunstâncias locais manifesta-se na celebração das festas de algumas figuras bíblicas como, por exemplo, Abraão, Isaac, Jacob, bem como Zaqueu<sup>5</sup> e, de modo especial, nas procissões que frequentemente se realizavam na Igreja do Santo Sepulcro e no mosteiro adjacente. Nas cerimónias prestava-se muita atenção ao túmulo da Ressurreição. "*Surrexit Dominus de hoc sepulcro*", (O Senhor ressuscitou *deste* sepulcro), lemos num manuscrito litúrgico<sup>6</sup>, usado pelos Cónegos Regulares de Santo Agostinho na Igreja do Santo Sepulcro. Todos os sábados, desde a Páscoa até ao Advento havia uma procissão solene para a Capela da Ressurreição e aos Domingos a missa principal era celebrada solenemente em honra da Ressurreição<sup>7</sup>.

Do já citado manuscrito da Igreja do Santo Sepulcro de Jerusalém consta que a noite de Sábado para Domingo, desde a Páscoa até ao Advento, era dedicada à

<sup>1</sup> Para mais pormenores veja o meu artigo: ARIE G. KALLENBERG, *The Resurrection in the early Carmelite Liturgy and Carmelite Spirituality*. Carmelus – Roma, 44(1997) fasc.1, 5-20.

<sup>2</sup> LOUIS VAN TONGEREN. *Exaltatio crucis. Het feest van Kruisverheffing en de zingeving van het kruis in het Westen tijdens de vroege middeleeuwen. Een liturgisch-historische studie*. Tilburg. University Press 1995. 27.

<sup>3</sup> "Postquam igitur (Godefridus Bullionis) regnum obtinuit (an. 1099) paucis diebus interpositis, sicut vir religiosus erat, in his quae ad decorem domus Dei habebant respectum. solitudinis suae coepit offerre primitias. Nam protinus in ecclesia Dominici Sepulcri et Templo Domini canonicos instituit... ordinem et institutionem servans, quas magnae et amplissimae, a piis principibus fundatae ultra montes servant ecclesiae". Cfr. *Analecta Ordinis Carmelitarum*. 1(1909-10) 64.

<sup>4</sup> P. KALLENBERG (ARIE G. KALLENBERG). *Fontes liturgiae carmelitanae. Investigatio in decreta, codices et proprium sanctorum*, Roma. Institutum Carmelitanum. 1962, 97-100.

<sup>5</sup> JAMES BOYCE. *The Liturgy of the Carmelites*, Carmelus 42(1995) 9.

<sup>6</sup> Roma, Biblioteca Vaticana, *ms Barberini Lat.* 659, fol. 80.

<sup>7</sup> EDMUND CARUANA, *The ordinal of Sibert de Beka with special reference to Marian liturgical themes. An historical-liturgical-theological investigation*. Roma, Anselmianum, 1976, 7-8.

comemoração da Ressurreição. Nos Sábados, depois das primeiras vésperas, a procissão para o Santo Sepulcro dava início à comemoração da Ressurreição que terminava no Domingo, depois das matinas, com uma nova procissão para o Santo Sepulcro, seguida da missa solene da Ressurreição<sup>8</sup>.

Esta liturgia inspirou os Carmelitas. Não é possível estabelecer com exactidão quando adoptaram o Rito do Santo Sepulcro de Jerusalém. No entanto, certo é que por volta do ano de 1312 Siberto de Beka, o grande liturgista da Ordem Carmelita, elaborou um Ordinário<sup>9</sup> em que constantemente se refere aos costumes da Igreja do Santo Sepulcro. Neste contexto fala explicitamente "do uso da Igreja do Santo Sepulcro de Jerusalém, aprovado pelos antigos Padres"<sup>10</sup>

### **A Ressurreição no Ordinário de Siberto de Beka**

Siberto de Beka é muito explícito acerca da origem da liturgia carmelita. No Ordinário que compôs encontramos frequentemente as palavras: "De acordo com os legítimos costumes da Igreja do Santo Sepulcro do Senhor de Jerusalém onde a Ordem dos mencionados Irmãos teve a sua origem"<sup>11</sup>. No pensamento de Siberto trata-se do Santo Sepulcro de onde o Senhor ressuscitou e não do Sepulcro da Sua Morte. Por isso, na liturgia dos Carmelitas, composta por Siberto de Beka, a Ressurreição do Senhor é um tema constante durante todo o ano litúrgico.

A exemplo do Rito do Santo Sepulcro de Jerusalém em que, como já foi mencionado, durante a noite de Sábado para Domingo se comemorava a Ressurreição do Senhor, também Siberto de Beka atribuiu ao Domingo um significado peculiar e ordenou que a Ressurreição fosse comemorada nas orações litúrgicas, a começar nas vésperas de Sábado e a terminar nas segundas vésperas de Domingo<sup>12</sup>.

Na antiga liturgia dos Carmelitas é notável que, à imitação do que era feito no Rito do Santo Sepulcro<sup>13</sup>, o ano litúrgico terminava no último Domingo antes do Advento com a solene comemoração da Ressurreição do Senhor. Os ofícios, tal como a mis-

---

<sup>8</sup> Roma, Biblioteca Vaticana, *ms Barberini Lat.* 659, fol. 76v e 78v.

<sup>9</sup> SIBERTO DE BEKA, *Ordinaire de l'ordre de Notre Dame du Mont-Carmel*/par Sibert de Beka (vers 1312): publié d'après le manuscrit original e collationné sur divers manuscrits e imprimés par Benedict Zimmerman O.C.D. Paris, 1910.

<sup>10</sup> SIBERTO DE BEKA, *Ordinaire*, 205: "juxta consuetudinem ecclesiae Sepulchri Jerosolymitani ab antiquis patribus approbatam".

<sup>11</sup> SIBERTO DE BEKA, *Ordinaire*, 1: "Incipit ordinale Fratrum Ordinis beatae Mariae de Monte Carmeli extractum et excerptum de approbato usu dominici Sepulchri Sanctae Jerosolimitanae ecclesiae in cujus finibus dictorum fratrum religio sumpsit exordium".

<sup>12</sup> SIBERTO DE BEKA, *Ordinaire*, 29.

<sup>13</sup> JAMES BOYCE, *The Liturgy of the Carmelites*, Carmelus 42(1995) 9.

sa solene, estavam completamente relacionados com a Páscoa<sup>14</sup>. Poderemos chamar a isto uma renovada Páscoa, celebrada no fim do ano litúrgico.

Durante séculos a comemoração solene da Ressurreição continuou importante. Em resumo, podemos dizer que ao longo de todo o ano, desde a Páscoa até ao Advento, a Ressurreição ocupava um lugar importante na oração litúrgica dos Carmelitas. Diariamente, ao rezar as vésperas e matinas, lembravam-se da Ressurreição. Como dia da Ressurreição, o Domingo ocupava um lugar especial. Além disto, para realçar mais ainda o lugar central da Ressurreição para os Carmelitas, o ano litúrgico terminava com uma solene comemoração da Páscoa, celebrada no último Domingo antes do Advento. Até finais do século XVI o Ordinário de Siberto de Beka era obrigatório em toda a Ordem. Durante todo esse período a liturgia da Ressurreição deve ter influenciado a espiritualidade e as orações dos Carmelitas de então.

### **A veneração da cruz e a liturgia da Ressurreição**

No seu livro *Exaltatio Crucis*<sup>15</sup>, Louis van Tongeren descreve como as diferentes comemorações à volta da Cruz, especialmente a da Invenção e a da Exaltação da Cruz, se desenvolveram ao longo dos séculos. Entre outros ele diz:

Por volta de 1200 deu-se no Ocidente uma mudança dramática na maneira de ver a cruz. Se até essa altura a devoção popular se tinha concentrado na Cruz Triunfante como sinal de vitória sobre a morte, desde então a atenção começou a fixar-se no Jesus histórico. Sob a influência de São Bernardo de Clairvaux (1090-1153) e de São Francisco de Assis (1181/1182-1226) o modo de encarar a cruz sofreu uma mudança decisiva. A ênfase já não era no Cristo crucificado vencedor da morte, mas no Cristo terrestre, que sofreu e morreu na cruz. Graças a uma interpretação realista de Mateus 10, 38 e 16, 24 relativa ao carregar a cruz à imitação de Cristo, fundamental era a identificação com o sofrimento de Cristo. O Cristo que viveu e triunfou na cruz da glória deu lugar a um Cristo que sofreu uma morte dolorosa na cruz”<sup>16</sup>.

Foi neste período, no início de 1238, que os Carmelitas emigraram para a Europa. O que aconteceu à sua liturgia no período entre a chegada à Europa e a publicação do Ordinário de Siberto de Beka em 1312 não está completamente claro. Todavia, não há nenhum sinal de que Cristo sofredor tenha começado a ter um lugar importante

---

<sup>14</sup> SIBERTO DE BEKA, *Ordinaire*. 37-39.

<sup>15</sup> LOUIS VAN TONGEREN, *Exaltio crucis*, passim

<sup>16</sup> Idem, 270

na sua liturgia. Pelo contrário, a liturgia dos Carmelitas centrou-se no Ressuscitado que saiu vitorioso do túmulo para já não morrer.

### **Ressurreição e espiritualidade**

São poucos os textos dos primeiros autores Carmelitas que estabeleceram uma relação clara com a Ressurreição. Existe um texto notável, o *Laus Religionis Carmelitanae*<sup>17</sup>, escrito entre 1317 e 1345/1352 por John Baconthorpe, pouco depois de 1312, o ano em que o Ordinário de Siberto de Beka foi imposto a toda a Ordem. O capítulo 2 do *Laus Religionis Carmelitanae* aborda o modo como os Carmelitas mostram nos seus hábitos a graça da Ressurreição<sup>18</sup>. Este testemunho de John Baconthorpe pode ser considerado extraordinário por causa da relação explícita que estabelece entre a Ressurreição e a primeira liturgia Carmelita. Segundo os seus textos é óbvio que a liturgia da Ressurreição não é mera recordação de um acontecimento histórico, mas antes uma realidade dinâmica que passou da liturgia até ao âmago do pensamento e da vida espiritual dos Carmelitas medievais.

Também na espiritualidade da Reforma de Touraine encontramos vestígios da Ressurreição como adiante veremos.

Num estudo recente sobre a Regra dos Carmelitas, Kees Waaijman<sup>19</sup> abordou o tema da Ressurreição, não directamente em termos da liturgia, mas dentro do contexto da Regra.

Seguramente podemos afirmar que a liturgia ressurreccional imprimiu até ao dia de hoje uma marca profunda na espiritualidade da Ordem. É um tesouro que infelizmente ficou escondido para muitos durante muito tempo.

### **O Dinamismo da Liturgia da Ressurreição**

Concluindo pode-se afirmar que um dos traços mais característicos do Rito do Santo Sepulcro e também da antiga liturgia dos Carmelitas se baseou na comemoração solene da *Resurrectio Dominica*, da Ressurreição do Senhor. Durante séculos, na liturgia Carmelita, não apenas a festa da Páscoa era importante mas também a Comemoração Solene da Ressurreição, a *Commemoratio Solemnis Resurrectionis*

---

<sup>17</sup> ADRIANUS STARING, *Medieval Carmelite Heritage*. Roma, Institutum Carmelitanum 1989, 176-177.

<sup>18</sup> ADRIANUS STARING, *Medieval Carmelite Heritage*. 249: Capitulum II, Quod Carmelitae ostendunt in habitu gratiam resurrectionis.

<sup>19</sup> KEES WAAIJMAN. *De mystieke ruimte van de Karmel*. Een uitleg van de Karmelregel. Kok Kampen-Carmelitana Gent. 1995. 230 pp.

*Dominicae*, no fim do ano litúrgico assim como as comemorações diárias da Ressurreição do Senhor ao longo do mesmo ano litúrgico.

De acordo com a liturgia Carmelita, o ano litúrgico começava no primeiro Domingo do Advento e terminava no dia da comemoração solene da Ressurreição do Senhor no último Domingo do ano litúrgico. À primeira vista parece que, na perspectiva dos Carmelitas, a Comemoração Solene da Ressurreição era um ponto de referência ao redor da qual girava todo o ano litúrgico. Mas, na realidade, era mais do que um ponto de referência. A confrontação constante com a Ressurreição do Senhor através das celebrações litúrgicas ao longo de todo o ano culminando na comemoração solene da Ressurreição no último Domingo antes do Advento, não deixava espaço para a ideia de uma Ressurreição estática, ocorrida em séculos passados. Pelo contrário, o dinamismo do Ressuscitado impunha-se aos celebrantes da liturgia Carmelita, dando-lhes constantemente a oportunidade de ressurgir novamente com Ele para uma nova vida. Neste contexto, o Kees Waaijman diz no seu livro *De Mystieke ruimte van de Karmel (O Espaço Místico do Carmelo)*:

A fervorosa esperança da Regra é a de que a 'Palavra de Deus possa habitar abundantemente na nossa boca e nos nossos corações, para que tudo o que façamos seja feito em nome do Senhor' (*Regra, XIV*). Não é necessário reflectir muito para que a Palavra nos invada. Esta é a Ressurreição do Senhor, não a Ressurreição que é celebrada nos Domingos e em dias de festa ou durante a Eucaristia diária, mas a Ressurreição do Senhor que nós vivemos em todo o nosso ser. 'Eu vivo, mas já não sou eu que vivo mas Cristo que vive em mim' (Gal.,20)<sup>20</sup>.

### **A Ressurreição nas festas de Nossa Senhora**

Ao estudar a origem e a evolução da festa de Nossa Senhora do Carmo, a Comemoração Solene da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo como é tradicionalmente chamada, encontrei uns aspectos de ordem escatológica que me causaram bastante surpresa por constituírem mais uma prova de que a antiga liturgia ressurreccional teve grande influência na vida espiritual dos antigos Carmelitas e, de modo especial, na sua maneira de encarar a devoção a Nossa Senhora<sup>21</sup>.

Em oposição a outras Ordens Religiosas como, por exemplo, os Dominicanos, Franciscanos e Beneditinos, os Carmelitas não tinham uma festa anual com que honrar o

---

<sup>20</sup> KEES WAAIJMAN, *De mystieke ruimte van de Karmel*, 228.

<sup>21</sup> Veja o meu artigo *The Feast of Our Lady of Mount Carmel in the Liturgical Tradition of the Order: CARMELUS*, vol. 47, 2000, 6-18

Fundador ou o Padroeiro, embora desde o princípio Maria era considerada pelos eremitas como a *Domina*, a Padroeira<sup>22</sup>.

A fim de ter algo que substituísse a festa anual do Fundador ou Padroeiro, os Carmelitas optaram sucessivamente por uma das festas Marianas da Igreja Universal a fim de servir de festa anual da Ordem, a saber: a Anunciação de Nossa Senhora no dia 25 de Março, a *Dormitio Mariae*, a *Dormição de Maria* ou como hoje dizemos a Assunção de Nossa Senhora no dia 15 de Agosto e *Conceptio Mariae*, a Conceição de Nossa Senhora no dia 8 de Dezembro. Três festas marianas que sempre tiveram um significado especial para a Ordem.

### **A Anunciação de Nossa Senhora**

Da festa de Anunciação, celebrada no dia 25 de Março, propriamente não se pode dizer que antes de 1300 era considerada festa da Padroeira, *Festum Confratrum*, Festa da Ordem, embora relativamente pouco tempo depois da chegada dos Carmelitas na Europa já houvesse, nas diversas províncias da Ordem, igrejas dedicadas à Anunciação de Nossa Senhora. A festa era importante para toda a Ordem como se pode concluir dos actos do Capítulo Geral de Tréveros de 1362 que prescreveu que a festa devia ser celebrada com uma oitava solene, portanto durante oito dias<sup>23</sup>. Até ao ano de 1600 os Carmelitas eram os únicos que celebravam esta festa com tanta solenidade.

Cronologicamente é correcto que a festa era celebrada no dia 25 de Março, exactamente nove meses antes do nascimento de Jesus. Mas, a ordem cronológica não era o motivo principal para os Carmelitas prestarem atenção especial a esta festa. Já no ano de 1324 o Capítulo Geral de Barcelona prescreveu que no tempo do Advento pelo menos uma vez por semana se devia rezar o ofício divino e celebrar a missa da Festa da Anunciação. A razão era óbvia: o tempo do advento é o período por excelência em que a Igreja aguarda não apenas a vinda de Jesus como criança recém-nascida, mas também a Sua vinda nos fins dos tempos de acordo com os Actos dos Apóstolos 1, 10-11: *E, estando eles com os olhos fitos no céu, enquanto Jesus subia, eis que dois varões vestidos de branco se puseram ao lado deles e lhes disseram: “Varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu virá do modo como o vistes subir”*. É esse aspecto, o da vinda de Jesus no fim dos tempos, o aspecto escatológico, que desempenha um papel importante no tempo do Advento. Por isto, a Anunciação de Nossa Senhora como festa de expectativa, tinha para os Carmelitas um significado especial. Celebravam a festa não apenas no dia 25 de Março de acordo com a cronologia do

---

<sup>22</sup> *Santi del Carmelo : Biografie da vari dizionari a cura e con introduzione di Ludovico SAGGI, O. Carm. ; Prefazione di Valentino Macca, O.C.D. Roma 1972.*

<sup>23</sup> KALLENBERG, *Fontes Liturgiae Carmelitanae*, Roma 1962, 114.

futuro nascimento de Jesus, mas também em outras ocasiões do ano litúrgico e de modo especial no Advento, porque condizia perfeitamente com os aspectos escatológicos da sua liturgia ressurreccional.

### **A Dormição de Nossa Senhora**

Tal qual a Anunciação de Nossa Senhora, também a *Dormitio Mariae*, a Dormição de Nossa Senhora, era uma festa da Igreja Universal. O nome da festa, *Dormitio Mariae*, ficou conservado na liturgia até meados do século XVI em que altura foi, pouco a pouco, substituído por *Assunção de Nossa Senhora*. Desde o princípio da Ordem a *Dormitio Mariae*, a Dormição de Maria, constituiu uma das festas mais importantes da Ordem. Desde tempos remotos a festa era celebrada com muita pompa e os Carmelitas de outrora consideravam a Dormição de Nossa Senhora como Festa Principal da Ordem. Já em 1376 o Geral da Ordem, Bernardo Olério, ordenou que se celebrasse a festa da *Dormitio* como *Festum Confratrum*, a Festa da confraternização dos Irmãos<sup>24</sup>. Além disto havia, já num período muito precoce, muitas igrejas Carmelitas dedicadas à *Dormitio Mariae*, por exemplo, a de Aylesford em 1248, de Nápoles em 1250 etc.<sup>25</sup>

A importância da festa manifestava-se também pelo facto que a liturgia dos Carmelitas ordenava que nesse dia, a exemplo do Rito do Santo Sepulcro, se organizasse uma procissão com 4 estações antes da missa conventual. É de notar que de acordo com a Liturgia Carmelita as procissões ocorriam apenas nas festas em que havia algum aspecto escatológico (a Ascensão de Jesus, a Assunção de Nossa Senhora). A importância que os antigos Carmelitas davam à festa da *Dormitio Mariae* evidencia-se também pelo facto que os textos do Ofício comum de Nossa Senhora (o chamado *Ofício Parvo*) que se rezava aos sábados e em outros dias da semana, eram tomados, em grande parte, da festa da *Dormitio Mariae*, da futura festa da Assunção<sup>26</sup>. O mesmo acontecia também com a assim chamada *Commemoratio Communis*, a Comemoração comum de Maria. Tal significa que, quando os Carmelitas rezavam o Ofício Parvo e as Comemorações comuns de Nossa Senhora, não faziam outra coisa senão comemorar o mistério da Dormição de Maria ou seja o da sua Assunção.

Podemos pôr a questão porque os Carmelitas sentiam a necessidade de comemorar tão frequentemente a Dormição de Maria. A resposta é simples. O dia em que Maria, no dizer dos Antigos, adormeceu e foi levada para o céu, encerra em si uma promessa para toda a humanidade que à imitação de Maria também pode participar na

<sup>24</sup> In: ADRIANUS STARING, *Medieval Carmelite heritage* : Early reflections on the nature of the Order; Critical edition with introduction and notes by Adrianus Staring O.Carm., Roma 1989, 421.

<sup>25</sup> AUGUSTIN FORCADELL, *La Fiesta del Carmen: Historia y Liturgia*, Onda (Castellón) [1986], 42.

<sup>26</sup> SIBERTO DE BEKA, *Ordinaire*, 30.

Ressurreição de Jesus. Tal participação se torna visível não apenas na liturgia ressurreccional dos Carmelitas mas também na Dormição de Maria em que aspectos escatológicos desempenham um papel importante. Ambas, Liturgia Ressurreccional e Dormição de Nossa Senhora, dizem respeito ao fim da vida humana e à exaltação final de que também o homem pode participar. Desta forma, a festa da Dormição de Maria, a Sua Assunção, corresponde perfeitamente à espiritualidade da Ordem devido aos abundantes aspectos escatológicos nela presentes.

Quando mais tarde a Festa da Comemoração Solene de Nossa Senhora, a actual Festa de Nossa Senhora do Carmo, foi pouco a pouco introduzida, todas as orações, antifonas, salmos etc. foram tomados, com pequenas excepções, do formulário da missa da Comemoração Comum de Nossa Senhora ou, com outras palavras, da festa da Dormição ou seja da Assunção de Nossa Senhora. Isto indica que o conteúdo da festa da Comemoração Solene de Nossa Senhora do Carmo, da Festa da Padroeira, era o mesmo que o da Assunção de Nossa Senhora. Com outras palavras, originalmente a Festa de Nossa Senhora do Carmo não era outra coisa senão a festa da Assunção com os mesmos aspectos escatológicos. Infelizmente, mais tarde, quando o significado profundo da Comemoração Solene de Nossa Senhora foi perdido, adoptaram outros textos para a missa e o breviário que nada têm que ver com um conteúdo escatológico. Estes textos estão sendo empregados até ao dia de hoje.

### **A festa da Conceição de Nossa Senhora**

A festa da *Conceptio Mariae* ou seja da Imaculada Conceição como hoje em dia dizemos, foi introduzida na Liturgia dos Carmelitas em 1306. Naquele tempo não se falava da Imaculada Conceição mas simplesmente da *Conceptio*, da Conceição ou, de preferência ainda, da *Sanctificatio*, da Santificação de Maria no seio da sua mãe. Com isto queriam indicar que o momento em que Maria foi concebida no seio da sua mãe S. Ana era precisamente o momento em que Deus iniciou concreta e visivelmente a redenção dos homens. É natural que isto fosse comemorado com uma grande festa apesar da discussão teológica de então se Maria era ou não santificada no seio da sua mãe ou concebida totalmente sem pecado.

Desde o princípio, a Festa era celebrada pelos Carmelitas com grandes solenidades. Juntamente com os Franciscanos, os Carmelitas foram os primeiros a introduzir oficialmente, no ano de 1306, a festa na sua liturgia.

Também esta festa funcionou durante muito tempo como festa da Padroeira. Na sua obra *Dialogus inter Directorem et Detractorem* Johannes van Hildesheim escreveu, em 1374, que durante o cisma da Igreja tanto em Avinhão como em Roma os Cardeais da Cúria visitavam no dia 8 de Dezembro o convento dos Carmelitas para

celebrarem juntamente com eles a festa da Conceição de Nossa Senhora. Acrescenta ainda que desta forma queriam mostrar o seu apreço pela festa que consideravam como Festa da Padroeira dos Carmelitas da mesma maneira como consideravam S. Agostinho, S. Domingos e S. Francisco de Assis como Padroeiros respectivamente dos Agostinhos, Dominicanos e Franciscanos<sup>27</sup>. Daí se pode concluir que a Festa da Conceição de Nossa Senhora era, já na fase inicial da Ordem, celebrada como Festa da Padroeira. Um dos grandes historiadores da Ordem, Benedictus Zimmerman, diz a esse respeito que apesar de que naquela altura a Assunção de Nossa Senhora era considerada, propriamente dito, Festa da Padroeira, os Carmelitas celebravam a Festa da Conceição **como se fosse** Festa da Padroeira para agradar ao Papa e aos Cardeais da Cúria<sup>28</sup>. Deve se, pois, concluir que a Festa da Conceição de Nossa Senhora como Festa da Padroeira significava pouco para os antigos Carmelitas embora outros aspectos da festa, por exemplo o de Maria como *Virgem Puríssima*, fossem muito importantes para eles.

Concluindo pode-se dizer que nos primeiros séculos da sua existência os Carmelitas se esforçaram muito por ter uma festa da Padroeira e que para o efeito três festas foram tomadas em consideração. Duas destas festas marianas dizem respeito ao primeiro instante da vida humana, a saber, ao momento em que Maria foi concebida no seio de S. Ana e Jesus no seio de Maria. A terceira festa mariana, a Dormição de Maria, a sua Assunção de Nossa Senhora, diz respeito ao termo final da vida humana, à ressurreição para uma nova vida e à participação na Ressurreição de Jesus. Que os antigos Carmelitas optaram finalmente pela Assunção de Nossa Senhora como Festa Patronal, deve-se, ao meu modo de ver, aos aspectos escatológicos que a festa encerra em si visto que os mesmos constituem o complemento lógico da Liturgia Ressurreccional com que os irmãos Carmelitas eram diariamente confrontados.

### **A Comemoração Solene – A festa de Nossa Senhora do Carmo**

Depois de 1400 pouco a pouco os Carmelitas começaram a afastar-se da ideia que uma das Festas Marianas da Igreja Universal podia servir de festa principal da Ordem. Foram à procura duma festa própria, digna da Padroeira que tanto amavam. Não foi preciso procurar muito. A solução estava à mão. Todos os dias Maria era comemorada no ofício divino e na eucaristia com uma comemoração comum que constava pelo menos de uma antífona, de um versículo e de uma oração. O mesmo acontecia também com a Ressurreição de Jesus que também todos os dias era comemorada com uma antífona, versículo e oração. Chamavam a isto a *Commemo-*

---

<sup>27</sup> In: STARING, Medieval Carmelite heritage, 374.

<sup>28</sup> In: FORCADELL, 25 nota 2.

*ratio Communis*, a comemoração comum. Como já foi explicado em cima<sup>29</sup> a comemoração comum da Ressurreição de Jesus culminava no fim do ano litúrgico numa grande festa, chamada a Comemoração Solene da Ressurreição do Senhor. A festa era celebrada com grande pompa e era vista pelos Carmelitas como segunda festa da Páscoa. Estou convencido que por analogia da Comemoração Solene da Ressurreição de Jesus também a comemoração comum de Nossa Senhora se evoluiu, pouco a pouco, para uma grande festa anual, chamada a Comemoração Solene da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo. Nesta festa que no princípio era celebrada no dia 17 de Julho e mais tarde no dia 16, eram comemorados, com muita gratidão, os grandes privilégios recebidos de Nossa Senhora a qual neste dia era venerada como a *Domina*, a Padroeira da Ordem.

O primeiro vestígio desta Festa da Padroeira, da Comemoração Solene de Maria, encontramos na Inglaterra, na cidade de Oxford, num calendário astronómico de 1387 da autoria do carmelita Nicolai de Lynch. Pouco mais tarde (entre 1375 e 1393) apareceu num breviário de Oxford e, entre 1387 e 1393, num missal de Londres que por Margaret Rickert foi descoberto e reconstruído. É de notar que Rickert concluiu baseada nas ilustrações que ocorrem no documento que, apesar de a Comemoração Solene e o hino *Flos Carmeli* se encontrarem presentes no missal reconstruído, a Assunção de Nossa Senhora ainda era, naquele tempo, a festa mais importante<sup>30</sup>. É notável também que se trata do vestígio mais antigo do *Flos Carmeli* num documento litúrgico<sup>31</sup>. É possível que a festa da Comemoração Solene fosse introduzida por motivo da vitória que o Carmelita Hornby obteve quando, em 1374, na universidade de Cambridge, na Inglaterra, defendeu com sucesso o título mariano da Ordem contra o Dominicano Stokes<sup>32</sup>. Às vezes menciona-se nos documentos litúrgicos outro motivo por que a festa da Comemoração Solene teria sido introduzida. Fala-se então dum milagre que Maria teria feito em benefício dos Carmelita sem indicar de que milagre se trata. Neste contexto menciona-se frequentemente o milagre de Chester no fim do século XIII quando uma imagem de Nossa Senhora teria apontado, durante uma procissão penitencial, com o dedo para os Carmelitas dizendo: “Estes são os meus irmãos”. Outros autores Carmelitas dizem que a festa foi introduzida em grata recordação da aprovação da regra por Honório III em 1226 ou por Honório IV que aprovou a Regra novamente após uma segunda negação por parte do Concílio de Lyon em 1274.

---

<sup>29</sup> Veja o parágrafo: A Ressurreição no Ordinário de Siberto de Beka

<sup>30</sup> Margaret RICKERT, *The reconstructed Carmelite Missal: An English Manuscript of the late XIV Century in the British Museum (Additional 29704-5, 44892)*, London 1952, 39-40

<sup>31</sup> Veja também: Bruno BORCHERT, *A fourteenth century English missal restored*, in *Carmelus* 1(1954)145-151.

<sup>32</sup> *Santi del Carmelo*, 119.

Entre 1400 e 1540 a festa aparece com mais frequência nos breviários e missais mas, mesmo assim, continua a tratar-se de iniciativas locais. Na primeira metade do século XV a festa espalha-se a partir da Inglaterra para Europa. Primeiro para a Bélgica, Bruges (1440-1478), depois para Portugal, Lisboa (1456-1478), Irlanda (1489) etc. Do lado dos Capítulos Gerais e das Constituições não houve nenhuma iniciativa para sancionar a festa. A Comemoração Solene aparece pela primeira vez num documento oficial da Ordem no ano de 1532, nomeadamente num Ordinário aprovado pelo Capítulo Geral de Pádua em 1532. Só em 1609 a Comemoração Solene foi reconhecida oficialmente pelo Capítulo Geral de Transpontina em Roma como *Festum Confratrum*, Festa Oficial da Ordem<sup>33</sup>.

A partir do fim do século XVI a festa é ligada cada vez mais ao Escapulário e à visão de Simão Stock. É uma consequência lógica da evolução a que as festas marianas estiveram, no correr dos séculos, sujeitas visto que também o Escapulário encerra em si muitos aspectos escatológicos. Basta comemorar a promessa de Nossa Senhora de proteger depois da morte todos aqueles que tiveram usado o Escapulário piedosamente durante a sua vida e a Bula Sabatina que concretiza ainda mais a ajuda prometida por Nossa Senhora após a morte.

Infelizmente, hoje em dia os primitivos aspectos escatológicos da Festa da Comemoração Solene de Nossa Senhora estão quase completamente esquecidos. Ainda bem que uma parcela da tradição original ficou conservada na devoção ao Escapulário de Nossa Senhora do Carmo.

## **A RESSURREIÇÃO E A REFORMA DE TOURAINÉ**

Devido a diversas circunstâncias (extrema pobreza, epidemias, falta de disciplina etc.) a vida religiosa dos Carmelitas na França chegou no fim do século XVI e princípio do século XVII a um nível tão deplorável que uma reforma se tornasse indispensável. Em 1604 o Prior Geral da Ordem, o Padre Sylvius, presidiu ao capítulo provincial da Província de Touraine e nomeou o padre Pierre Behourt como prior do primeiro convento da *Observantia Strictior*, de disciplina mais severa, na cidade de Rennes. Isto constituiu o início oficial da Reforma de Touraine que, em seguida, se espalhou para todos os conventos da França e para outras Províncias fora do país. Teve grande influência na vida dos Carmelitas do mundo inteiro. Carmelitas de grande envergadura faziam parte da reforma entre os quais Charpentier, Thibault, Jean de Saint-Samson, Maur de l' Enfant-Jésus e muitos outros. A Reforma produziu também obras espirituais muito importantes, duas das quais merecem ser apresentadas aqui visto terem alguma relação com a liturgia ressurreccional. Trata-se do *Cantique Spirituel: Saint Sepulchre de Iesus-Christ* de Jean de Saint-Samson e

---

<sup>33</sup> Michael Terence DRISCOLL, *Origin and development of Marian feasts in the roman and carmelites rites*. Washington 1977, 149.

*l'Entrée à la Divine Sagesse* de Maur de l'Enfant-Jésus, nomeadamente a 4ª parte, nomeada *Sanctuaire de la Divine Sapience* que trata da *l'État de vie ressuscitée en Jésus-Christ*, do Estado da Vida Ressuscitada em Jesus Cristo.

### **O cântico espiritual do Santo Sepulcro de Jesus Cristo.**

O servo de Deus, João de S. Sansão, nasceu no ano de 1571 em Sens, no Ducado de Borgonha, e faleceu no ano de 1636. Ficou cego aos três anos de idade, devido à varíola. Mais tarde entrou no Carmelo da Reforma de Touraine como irmão leigo. Os seus escritos emanam o odor duma mística profundamente vivida.

Uma das suas obras mais famosas é o mencionado *Cântico Espiritual do Santo Sepulcro*. Antes de entrar mais a fundo no texto do mesmo, é necessário dizer algo do conteúdo e do contexto histórico em que João de Sansão elaborou o cântico.

Em princípio todas as obras e poesias de João de Sansão tratam do Amor de Deus por nós e do convite de Deus a todos para corresponder a esse Amor. A linguagem empregada é linguagem de amor, afeição e ternura.

O Cântico do Santo Sepulcro<sup>34</sup> apresenta a forma exterior dum drama espiritual das últimas décadas da Idade Média, uma récita espiritual em que a visita de Maria Madalena ao Santo Sepulcro na madrugada da primeira Páscoa constitui o elemento mais importante. Tais récitas eram muito populares na Idade Média. Principalmente a *Visitatio Sepulchri*, a visita ao Santo Sepulcro no tempo da Páscoa, era uma récita muito estimada. Nela Maria Madalena sempre desempenhava o papel central. Às vezes a récita era integrada na liturgia pascal. Constava de alguns elementos fundamentais:

- A chegada das mulheres ao sepulcro na madrugada da Páscoa
- A pergunta do Anjo: “Quem procurais?”
- A resposta: “Jesus o Nazareno”.
- A resposta do Anjo: “Não está aqui”.
- As mulheres inspeccionam então o sepulcro vazio e proclamam que Jesus está ressuscitado.

No Cântico do Santo Sepulcro de João de S. Sansão não há outros intervenientes: apenas Maria Madalena visita o sepulcro. Ela está sozinha. Não há anjo com quem fale.

João de S. Sansão estava a par dos vários papéis que Maria Madalena desempenhava nos evangelhos. No tempo dele, Maria Madalena era vista como mulher exemplar e modelo para todos os cristãos. Havia um alto grau de afeição: todas as Marias dos textos evangélicos, com excepção de Nossa Senhora, coincidiam com

---

<sup>34</sup> Os seguintes dados foram tomados do estudo de ROBERT STEFANOTTI: *The Phoenix of Rennes : The life and poetry of John of St. Samson, 1571-1636*, New York etc. 1994

Maria Madalena cujo nome era também associado ao sepulcro vazio do Senhor Ressuscitado.

No cântico espiritual de João de S. Sansão o Santo Sepulcro é personificado, é uma pessoa quem fala e dialoga com Maria Madalena. O Santo Sepulcro dá-nos a seguinte lição: não são as visitas ao Santo Sepulcro na Terra Santa que nos santificam, não é aí que encontramos Jesus, o nosso Amado. Pelo contrário, encontrá-lo na nossa própria alma.

O Cântico do Santo Sepulcro diz respeito a um encontro místico. Os versos falam claramente da fé que transcende os piedosos sentimentos e vivências dos crentes.

O Cântico Espiritual do Santo Sepulcro consta de quatro partes:

\* O prólogo (1-200) que trata “da mais alta e mais pura abnegação” que nos leva para a perda total de nós próprios a fim de encontrar o derradeiro repouso em só Deus.

É necessário que Deus tome posse de nós, esteja presente no fundo do nosso ser. É preciso perder-se nesse mar de Amor que nos invade e transforma pelo fogo do seu Amor. Logo no princípio do Cântico somos convidados a um comprometimento pessoal.

\* Na segunda parte (201-320) Maria Madalena toma a palavra. Expressa lamentos amorosos, dirigidos ao Santo Sepulcro de Jesus, objecto da sua alma e da nossa. Pede a morte a fim de se poder unir com seu Deus morto. Ao pé do sepulcro vazio dá-se conta de que o seu Tesouro já não está aí. Esta parte termina com a constatação que Maria Madalena está ciente que ambos, o Santo Sepulcro e ela própria, ficaram a final de contas sem nada.

\* Segue então (versos 321-440) a resposta do Santo Sepulcro a Maria Madalena: apesar de o Santo Sepulcro ser muito glorioso, não deve ser amado. Não é necessário visitar o Santo Sepulcro em pessoa uma vez que através da ‘Chama da Fé’ a presença de Jesus nos possa ser revelada no ‘túmulo vivo’ da nossa alma.

\* Na última parte (441-561) encontra-se a ‘Resposta da alma aos louvores do Santo Sepulcro’. A alma esconde-se no Santo Sepulcro. A resposta com que a alma reage aos louvores do Santo Sepulcro é, em essência, um “Te Deum” permanente, um agradecimento continuado, uma liturgia total uma vez que a essência da liturgia é louvar e agradecer a Deus. A resposta da alma torna, de maneira delicada, claro que a felicidade final apenas pode ser encontrada na relação amorosa e, por conseguinte, mística com o Senhor. Somos convidados a nos enterrar no Amor transformante de Deus.

Na última parte do Cântico do Santo Sepulcro há uma aglomeração de imagens que mostram como finalmente a alma se deve livrar de tudo: de tudo o que é pessoal e pertence ao ego e também da ilusão que a alma pudesse desenvolver alguma inicia-

tiva ou acção pessoal uma vez que se trate do movimento místico em direcção à união com Deus.

João de São Sansão desenvolve então a metáfora da alma que, vítima dum naufrágio, desce para a profundidade impenetrável do mar e se enterra no mistério do Santo Sepulcro. Esta alma feliz e perfeita é arrastada mais ainda para a profundidade insondável do Sepulcro.

A água é tão saborosa que é desfrutada a grandes tragos.

No fim do Cântico, após as imagens do naufrágio e da água saborosa, somos convidados a enterrar-nos vivos no Santo Sepulcro a fim de encontrar a verdadeira felicidade.

Para o leitor ter uma ideia do conteúdo seguem agora alguns versos do Cântico

### **O CÂNTICO ESPIRITUAL DO SANTO SEPULCRO**

#### *Prólogo*

- 1 Aquele que crê consegue superar tudo;  
o seu coração está enamorado e repleto de amor suave,  
contempla o seu Deus com um olhar sublime;  
livrando se de si próprio, repousa só em Deus

#### **Lamentos amorosos de Santa Maria Madalena ao pé do Santo Sepulcro de Jesus Cristo**

- 201 Lamentemos, o meu Amor morreu;  
Há sorte mais dura e mais triste  
do que a dum Amante que abandona a sua Amada?  
Divino Sepulcro, recebe o meu coração,  
já não quero mais viver,  
porque tu me roubaste a minha felicidade.
- 309 Apressa-te, Sepulcro, e devolve-me a minha felicidade,  
porque o meu amor ardente e a minha paixão  
não são capazes de suportar este martírio.  
Mas o que? Já não tens o meu tesouro!  
Já não está no teu poder?  
Aonde levantou voo?

#### **Resposta do Santo Sepulcro a Maria Madalena**

- 333 Perco pelo menos tanto quanto tu  
porque se tu perdes o teu Noivo  
devo dizer-te que Ele pertence tanto a mim quanto a ti:  
desde o nascimento DELE fomos destinados um ao outro  
e o corpo DELE me era prometido.

- 411 Apesar de eu ser famoso e glorioso  
por ter tido o prazer [de ter trazido  
em mim] JESUS, o Divino Salvador,  
a alma que O traz no seu coração  
é, no entanto, ainda mais perfeita.
- 417 No sepulcro Ele estava morto,  
mas na alma Ele é belíssimo,  
gloriosíssimo, cheio de vida;  
Ele dá-lhe uma beleza igual à Sua,  
enobrece-a, vivifica-a.  
fortifica-a e ampara-a.
- 429 Por conseguinte, não é necessário  
empreender uma viagem tão longa  
para adorar o Santo Sepulcro.  
Pois, a Fé, aquele Facho Divino,  
desencobre para ti com muito mais graça  
Jesus num sepulcro vivo.

### **Resposta da alma aos louvores do Santo Sepulcro**

- 441 Oh Túmulo mais que maravilhoso!  
Oh Sepulcro demasiadamente glorioso!  
Logo que o meu espírito te contempla,  
mostras-me a minha sorte feliz:  
Eu sou um templo vivo de Deus,  
E tu apenas dum Deus morto.
- 549 Aquele que não habita no Túmulo,  
Não é muito santo.  
Porque é no interior do Sepulcro  
que Deus devolve a luz  
e a vida à sua criatura  
contanto que ela seja capaz de amar.
- 573 Aí todas as suas forças activas  
e tudo o que ela possui  
se perdem num feliz naufrágio.  
Ela procura à sua frente o mais profundo  
abismo sem, no entanto,

alcançar o fundo do mesmo.

579 Após aquele alto e sublime esforço  
novamente ela torna a se submergir  
num outro abismo profundo,  
quero dizer naquele Túmulo  
onde aquela Majestade sublime  
se faz escabelo para os nossos pés.

603 Minha alma, tens que esforçar-te  
por esconder-te, neste Túmulo,  
aos olhos dos homens e a ti própria.  
É necessário enterrar-te toda viva  
a fim de ter a suprema felicidade  
de não viver aqui senão morrendo.

### **FREI MAURO do MENINO JESUS**

Um dos grandes autores Carmelitas que escreveu sobre a plenitude mística da Ressurreição é o Frei Mauro do Menino Jesus, discípulo fiel de João de São Sansão. Viveu de 1617 até 1690. Fez o noviciado em Rennes e passou os últimos anos da sua vida no eremitério de Lormont. Os seus escritos demonstram a profundidade da sua vida espiritual. Para Mauro do Menino Jesus a teologia mística não era outra coisa senão a teologia do coração.

Nos seus escritos Mauro do Menino Jesus descreve o percurso místico que o homem espiritual tem que percorrer. Chega à conclusão que a última fase desse percurso místico nesta terra é *l'État de vie ressuscitée en Jésus-Christ*, o Estado da Vida Ressuscitada em Jesus Cristo.

Para ter uma ideia do que ele entende por Vida Ressuscitada em Jesus seguem, sem qualquer comentário, algumas passagens da sua obra "*L'Entrée à la Divine Sagesse*"<sup>35</sup>, *A entrada na Sabedoria Divina* e nomeadamente o capítulo quarto "*Sanctuaire de la Divine Sapience*", O Santuário da Divina Sapiência, que trata da Vida Ressuscitada em Jesus Cristo. Este capítulo constitui a conclusão da sua exposição sobre o caminho que a alma mística percorre até ao fim. O Estado da Vida Ressuscitada constitui a união mais alta que o homem possa atingir nesta vida:

---

<sup>35</sup> MAUR DE L' ENFANT-JESUS (O.Carm), *L'Entrée à la Divine Sagesse comprise en plusieurs traités spirituels qui contiennent les secrets de la Théologie mystique et augmenté de nouveau d'un traité de la fidélité de l'âme à son Dieu / composés par le R. P. Maur de l'Enfant-Jésus, Exprovincial des Carmes réformés de la Province de Gascogne (+1690) ; [édités de nouveau par] P. Pascal du T.S. Sacr., Carme déchaussé. Soignies : Éditions des "Chroniques du Carmel", [1921-1933].*

a união transformante, a vida em Deus que segue após a morte mística e a Consumação Final.

Na verdade é difícil explicar o que se passa neste Estado de Vida Ressuscitada e o que Deus tem preparado para as almas que estão prontas para a vinda Dele em si, tão difícil que quase nem as línguas dos Anjos seriam suficientes para exprimir isto. Sendo assim, a fraqueza humana não é capaz de nada, apenas gagueja quando pretende contar as maravilhas escondidas e os segredos que apenas são revelados àqueles que os sabem saborear e que os conhecem por experiência própria<sup>36</sup>.

É verdade que bem poucos saem daquele Estado de Vida Ressuscitada que agora estamos a descrever porque o espírito do homem se encontra nesse estado, de maneira exclusiva, unido ao Espírito de Deus e de tal forma submisso a todos os Seus movimentos e à Sua direcção que se possa dizer que há apenas um só espírito, totalmente unido a Ele. Aqueles que gozam deste privilégio, devem prestar muita atenção que com o tempo não se deixem levar, por falta de força ou devido às surpresas da natureza, a praticar um acto proveniente da sua própria natureza ou um acto de paixão, de interesse próprio ou de qualquer outra origem. Visto que Deus os ressuscitou e os fez viver da Sua própria vida, eles não devem interpor, em momento algum, algo de si próprio<sup>37</sup>.

Ora bem, embora a vida deste Estado (de Vida Ressuscitada) não esteja sujeita a mudanças, a não ser que ocorra uma infidelidade notável, principalmente quando vem de fora, e embora a vida deste Estado seja no fundo da alma imutável mesmo em relação ao interior, deve-se, no entanto, dizer que mesmo assim as almas não estão isentas de vicissitudes e de mudanças relativamente à disposição de espírito, não, como já disse em cima, por estarem mudadas ou modificadas no fundo da sua alma mas antes por não desfrutarem consolos constantes ou por estarem constantemente sujeitas a privações. Deus faz isto para as confirmar e para as absorver cada vez mais em Si comunicando-lhes umas vezes tanta abundância que parece que todos os tesouros do paraíso e todas as delícias do mesmo se encontrem derramados sobre elas, escondendo-lhes outras vezes de tal forma a Sua presença sensível que parece que nunca tenham recebido Dele qualquer meiguice<sup>38</sup>.

Embora as vicissitudes ocorram no interior da alma, esta não está sujeita a qualquer alteração visto que no fundo recebe sempre o mesmo prazer essencial em relação ao seu fim e objectivo. Embora a posse e o prazer possam ter diversos graus de excelência e embora a criatura ainda se encontre na situação de viajante, ela é

---

<sup>36</sup> *Sanctuaire de la Divine Sapience*, 58-59.

<sup>37</sup> *Sanctuaire de la Divine Sapience*, 63

<sup>38</sup> *Sanctuaire de la Divine Sapience*, 68

capaz de fazer conquistas, de fazer progresso e de se aprofundar cada vez mais, de degrau em degrau, nessa Essência Divina<sup>39</sup>.

Finalmente, essas queridas almas completam os seus dias no meio das vicissitudes de abundância e de penúria, de combates e de paz embora, como já disse, a sua felicidade essencial que consiste na união muito íntima com Deus, não mude e não altere de forma alguma porque na união das suas faculdades e no fundo da sua alma elas gozam sempre duma paz perfeita; e a sua vida neste estado de (Vida Ressuscitada) dura tanto quanto Deus quiser. No entanto, são poucos os que avançam tanto e a maioria é admitida apenas no fim da sua vida ou um pouco antes de morrer. Mas como tudo depende de Deus, não é possível dar normas<sup>40</sup>.

## **A REGRA E A RESSURREIÇÃO**

Evidentemente não há, na Regra de Santo Alberto, prescrições acerca da maneira de se celebrar a liturgia nem há alusões concretas à Ressurreição de Jesus.

Mesmo assim, há passagens que falam da oração litúrgica (*Regra 11, 14*), da frequência da mesma (*Regra 11, 14*), do Ano Litúrgico (*Regra 11, 16*), do lugar onde a oração litúrgica se deve realizar (*Regra 14*). Também há artigos que se referem, por exemplo, ao Domingo, o dia semanal da Comemoração da Ressurreição, em que os irmãos devem tratar da observância da vida comum e do bem espiritual das pessoas (*Regra 15*)

Como a Ressurreição é por definição escatológica, torna-se necessário prestar também atenção aos aspectos escatológicos da Regra.

### **Referências litúrgicas**

- *A recitação dos salmos e das horas canônicas deve ser feita de acordo com os legítimos costumes da Igreja (Regra 11)*

Antigamente vigorava a ideia de que “os legítimos costumes da Igreja” estavam relatados aos costumes da Igreja do Santo Sepulcro em Jerusalém e que com estas palavras o Rito do Santo Sepulcro era imposto à Ordem. No entanto, é mais provável que a Regra se referia aqui aos legítimos costumes da Igreja Universal.

- *O oratório deve ser construído no meio das celas (Regra, 14)*

---

<sup>39</sup> *Sanctuaire de la Divine Sapience, 70*

<sup>40</sup> *Sanctuaire de la Divine Sapience, 74*

Por dois motivos o oratório tem que ver com a Ressurreição. Em primeiro lugar porque nele deve ser celebrada a Eucaristia que é como é sabido o memorial da Ressurreição de Jesus. O segundo motivo decorre do facto de que o primeiro oratório era dedicado a Maria, uma das primeiras testemunhas da Ressurreição de Jesus que, no contexto das festas a Ela dedicadas, era vista pelos antigos carmelitas como penhor escatológico e promessa duma nova vida após a morte<sup>41</sup>.

Aprofundando o primeiro motivo podemos dizer que na visão da Regra o oratório era destinado à celebração em comum da Eucaristia sendo ao mesmo tempo o lugar onde os irmãos se reuniam todos os dias de madrugada (*Regra 14*).

A respeito disto o Carmelita Kees Waaijman escreve no seu livro *Mystieke ruimte van de Karmel (O Espaço Místico do Carmelo)*:

Os antigos monges do deserto celebravam a Eucaristia uma vez por semana. No século XIII era diferente. A maioria das comunidades religiosas juntava-se todos os dias para a Eucaristia. A reunião diária dá uma estrutura rítmica à vida. O facto de se juntarem diariamente, de madrugada, ao crepúsculo, dá ao dia um ritmo básico. O nascer do sol que conquista a noite deve ter sido intuitivamente entendido como sinal do **Ressuscitado**.

O encontro dos irmãos tinha uma dimensão litúrgica. O facto de virem todos juntos para a Eucaristia lembra a Ressurreição. A Eucaristia, afinal de contas, começa lá onde o Senhor nos une num só redil. Ele convida-nos a escutar a sua palavra para que ela nos toque, forme o desejo no nosso coração e nos faça procurar a Sua presença. Ele convida-nos a tomar o seu corpo e sangue, para nos lembrarmos d'Ele e nos identificarmos com Ele, para que entremos na sua morte e sejamos encontrados pelo próprio Deus.

A Eucaristia radicaliza o acto de sair de nós próprios: não somos nós quem vimos: mas somos conduzidos, conduzidos para a vastidão do Mundo e para a profundidade da Morte para sermos encontrados, para sermos unidos.

Esta é a perspectiva mística do facto de se reunir para a celebração da Eucaristia. Este movimento místico está lindamente representado através das palavras 'de madrugada', palavras que evocam a marcha silenciosa de Maria Madalena até ao túmulo: 'No primeiro dia da semana, ainda era escuro, Maria de Mágdala foi ao túmulo de madrugada...' (*João 20,1*). De madrugada os Carmelitas reúnem-se no oratório, no CENTRO (das celas) por ninguém

---

<sup>41</sup> Veja em cima o parágrafo "A Dormição de Nossa Senhora".

ocupado. Como a noiva do *Cântico dos Cânticos*, também eles, enquanto ainda é noite, procuram Aquele a quem as suas almas amam.

À procura do amor através da escuridão da noite segue-se a experiência da Páscoa na escuta da voz suave: 'Maria' (*João 20, 16*), o querido nome pronunciado por aquele que é amado pela alma. Segue-se a resposta não menos terna: 'Rabbuni' (*João 20, 16*). Esta é a Páscoa do amor, a profundidade mística da Eucaristia. Aqui está o coração do Carmelo" <sup>42</sup>.

É impressionante que Kees Waaijman ao comentar a Regra acaba por chegar à Ressurreição que durante séculos era comemorada diariamente na liturgia dos Carmelitas. É exagero dizer que a Ressurreição de Jesus é inerente à Regra e integrada nela?

### **Outras referências**

*- Aos Domingos (o dia da Ressurreição do Senhor) ou noutros dias quando necessário, reuni-vos para tratar da observância da vida comum e do bem espiritual das pessoas. (Regra 15)*

Podemos perguntar porque no dia da Ressurreição os Carmelitas devem tratar da observância da vida comum, do bem espiritual das pessoas e porque devem corrigir nesse dia, *caritate media*, com a caridade no meio, eventuais erros dos seus irmãos. Sobre este assunto, e nomeadamente sobre a convergência e reciprocidade que são necessárias para poder corrigir os outros com caridade diz Kees Waaijman:

Convergência e reciprocidade soam mais profundamente quando colocadas no contexto do amor do Ressuscitado. A Eucaristia no dia da Ressurreição, a referência ao amor de Maria Madalena, a reunião dos apóstolos no primeiro dia da semana e o aparecimento, no meio deles, d'Aquele que ressuscitou – tudo isto centraliza o capítulo no contexto do amor d'Aquele que ressuscitou e se entregou na sua Palavra, no seu Corpo e Sangue... <sup>43</sup>.

*- O jejum deve ter lugar no período que se encontra entre dois ápices do Ano Litúrgico, a saber desde a Festa da Exaltação da Santa Cruz até ao dia da Ressurreição com excepção dos Domingos por serem o dia da Ressurreição do Senhor (Regra 16).*

---

<sup>42</sup> KEES WAAIJMAN. *De mystieke ruimte van de Karmel*, 101

<sup>43</sup> KEES WAAIJMAN. *De mystieke ruimte van de Karmel*, 114

Neste parágrafo a Regra ordena que os irmãos observem o jejum a partir da festa da Exaltação da Santa Cruz até ao dia da Ressurreição do Senhor. Portanto, uma rota dinâmica, uma peregrinação mística que na tradição carmelitana era, durante séculos, essencial na praxe da espiritualidade e na observação do jejum.

Com respeito à origem da festa da Exaltação da Cruz, é conhecido que, conforme dizem as lendas, Helena, a mãe de Constantino o Grande, Imperador do Império Romano, descobriu a Santa Cruz e a Igreja Primitiva do Santo Sepulcro em Jerusalém no dia 14 de Setembro de 320. Desde aquele momento a Cruz que até então era considerada como instrumento de escândalo em que escravos e criminosos eram executados, tornou-se sinal de triunfo. *In hoc signo vinces! Neste sinal vencerás!* Desde então a Cruz era vista como símbolo de vitória de que os cristãos se orgulhavam. Só muito mais tarde, no século XII, a maneira de ver a Cruz ficou, sob a influência de Bernardo de Clairvaux e de Francisco de Assis, profundamente modificada<sup>44</sup>. A Cruz já não era sinal de triunfo, mas sim símbolo do sofrimento de Jesus, do Homem das Dores. E assim ficou até aos nossos dias: a Cruz é o símbolo do sofrimento de Jesus.

Todavia, os Carmelitas seguiram de acordo com a sua tradição litúrgica, um outro rumo. Na Ordem, a ênfase não era posta, em primeiro lugar, na Cruz com símbolo de sofrimento embora esse aspecto não fosse desatendido, mas sim na Cruz como emblema do caminho que leva para a Ressurreição. Na liturgia dos Carmelitas a Cruz era considerada sinal de esperança, esperança da Ressurreição. Desta forma, o período de abstinência e jejum entre festa da Exaltação da Santa Cruz e a Páscoa, pode ser simbolicamente figurado como rota dinâmica que leva do triunfo da Cruz para a Ressurreição do Senhor.

Apenas no fim do século XV a Cruz como símbolo de sofrimento começou a ganhar terreno na liturgia dos Carmelitas. Infelizmente deve-se constatar que com isso a Ordem começou a desviar-se duma tradição expressiva. Seria de desejar que voltasse a ver o tempo do jejum e abstinência como sinal de esperança e como caminho que leva para a Ressurreição.

### **Aspectos escatológicos**

---

<sup>44</sup> Veja em cima o parágrafo: *A veneração da cruz e a liturgia da Ressurreição.*

A liturgia Carmelita era em essência uma liturgia ressurreccional em que não apenas se fazia referência à Ressurreição de Jesus mas também à Ressurreição dos homens após a sua morte. É evidente que aqui se trata de notórios elementos de ordem escatológica.

Podemos perguntar porque o aspecto da Ressurreição era tão importante para os antigos Carmelitas. Tratava-se apenas duma reminiscência nostálgica da terra onde a Ordem teve o seu início e da Igreja do Santo Sepulcro onde a Liturgia dos Carmelitas despontou ou tinha que ver com a sua espiritualidade e com a sua maneira de viver a Regra?

Não são muito os autores carmelitas que nos seus escritos se referem explicitamente à Ressurreição. No entanto, um deles é o citado John Baconthorpe que entre 1317 e 1345/1352 escreveu o *Laus Religionis Carmelitanae* em que aborda o modo como os Carmelitas mostram nos seus mantos brancos a graça da Ressurreição.<sup>45</sup> Falando da Transfiguração de Jesus onde também o Pai dos Carmelitas, Santo Elias, estava presente, Baconthorpe refere-se, entre outros, ao facto de que os Carmelitas com as suas capas brancas prefiguravam por assim dizer misticamente a glória e o esplendor da graça da Ressurreição. Trata-se aqui sem dúvida dum aspecto escatológico. No fim do mesmo capítulo do *Laus Religionis Carmelitanae* ele estabelece implicitamente uma relação entre o manto dos Carmelitas, símbolo da graça da Ressurreição e o parágrafo 18 da Regra que trata da armadura de Deus com que devemos nos revestir. Baconthorpe diz lá:

Por isto o Apóstolo exorta: 'Deixemos, portanto, as obras das trevas e vistamos as armas da Luz' (Rom. 13,12). Desta forma passamos do tempo da Graça para a glória da Eterna Ressurreição<sup>46</sup>.

No texto citado não apenas encontramos uma referência implícita à Regra (*vestir as armas da Luz*), mas também o aspecto escatológico da Ressurreição é explicitamente mencionado: *passar do tempo da Graça para a glória da Eterna Ressurreição*.

Do mesmo texto também se pode concluir que Baconthorpe não se referia apenas à Ressurreição de Jesus, mas também à nossa Ressurreição após a nossa morte. E com isto chegamos à essência da antiga Liturgia Carmelitana: a ênfase não era posta na comemoração histórica da Ressurreição de Jesus e na reminiscência da Igreja do Santo Sepulcro de Jerusalém onde a liturgia Carmelita teve o seu início mas antes nos aspectos escatológicos que tanto na Liturgia Carmelita como na Regra estão abundan-

---

<sup>45</sup> Veja em cima o parágrafo *Ressurreição e espiritualidade*

<sup>46</sup> Adrianus Staring, *Medieval Carmelite Heritage*, 251

temente presentes. Regra e Ressurreição encontram-se no eixo em que elementos escatológicos fazem parte da espiritualidade carmelitana. Alguns exemplos disto encontram-se nos seguintes parágrafos da Regra em que aspectos escatológicos estão explicitamente mencionados:

- Diz ainda o Senhor no Evangelho: de toda a palavra inútil que os homens profiram darão conta *no dia do juízo (Regra 21)*.
- Quem vos ouve a mim ouve, quem vos despreza a mim despreza. Não sejais condenados por desprezo, mas merecei, pela obediência, *o prémio da vida eterna (Regra 23)*.
- Se alguém fizer mais, o próprio Senhor, quando *voltar*, o recompensará *(Regra 24, epílogo)*

Com respeito ao epílogo da Regra notamos que o aspecto escatológico, representado pelas palavras *quando o Senhor voltar*, condiz perfeitamente com a espiritualidade ressurreccional e tradição espiritual e mística da Ordem.

Pondo o texto no contexto do tempo em que Santo Alberto elaborou a regra podemos dizer que a expectativa da vinda final, iminente e decisiva do Senhor era uma das características da religiosidade e teologia do século XII e XIII, o período em que a Regra foi elaborada. Medo e expectativas apocalípticas levaram os homens e mulheres daquele tempo não apenas a ir efectivamente à procura duma renovação moral, mas também a praticar formas radicais da *sequela Christi, da imitação de Cristo* como, por exemplo, a prática da extrema pobreza voluntária, da vida eremita, peregrinações etc. Também peregrinações à Terra Santa formaram parte da formação espiritual com que se preparavam para a Vinda do Senhor: era bom estar no lugar aonde, como pensavam, o Senhor viria novamente como Juiz Final e Redentor<sup>47</sup>.

Colocando a Regra neste contexto temporal é legítimo observar que a mesma ostenta uma certa antecipação daquilo que está para vir. Sendo assim, Morte e Ressurreição, Sepulcro vazio e Vida Ressuscitada do Baptizado estão muito próximos um do outro e formam uma antecipação daquilo que está para vir. Ou como Kees Waaijman o exprime no seu comentário sobre o caminho espiritual do Carmelo:

A Regra deseja ardentemente que a Palavra de Deus habite com toda a sua riqueza na nossa boca e no nosso coração de forma que tudo o que tivermos que fazer o façamos na Palavra do Senhor *(Regra, 20)*. Espontaneamente, sem que nos esforcemos, a Palavra passa para nós. Isto é a Ressurreição do Senhor, não a Ressurrei-

---

<sup>47</sup> KEES WAAIJMAN. *De mystieke ruimte van de Karmel, passim*

ção que é celebrada nos domingos e dias de festa ou durante a eucaristia diária, mas sim a Ressurreição que é experimentada no nosso ser. 'Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim' (Gal. 2,20).<sup>48</sup>

Desta forma, acabamos por ser confrontados com um processo de transformação da Morte para a Vida, da Vida Humana para a Vida Ressuscitada em Deus.

Concluindo podemos dizer que uma das características mais notáveis da antiga liturgia carmelita era a comemoração incessante da Ressurreição do Senhor. Esta comemoração constante resultou no facto de que o dinamismo do *Christus Resurgens*, de Cristo Ressurgindo se impôs irresistivelmente aos celebrantes da liturgia Carmelita e deixou até ao dia de hoje uma marca indelével na espiritualidade da Ordem.

Arie G. Kallenberg

Zevenbergen, 27-05-2007

---

<sup>48</sup> KEES WAAIJMAN. *De mystieke ruimte van de Karmel*, 228